

O Fangueiro

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F A O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 8428

Aspectos Económico-Sociais do Concelho de Esposende

Pelo Engenheiro JOÃO MARIA LEITÃO DE OLIVEIRA MARTINS

A TRAVÉS do conjunto de considerações, anteriormente aqui feitas, poder-se-á ter uma visão, de certo superficial, das actuais realidades económico-sociais do concelho; nelas estão implicitamente contidos os dados de que temos de partir para qualquer antevisão do desenvolvimento da região; cremos não ser optimismo, manter a esperança que delas resulte algo de muito provável.

Dentro do que actualmente se nos depara nesta região, tendo em mente o crescente movimento de renovação que no campo económico e social está a atravessar o País, e em nosso entender, cremos que o progresso da região há-de resultar do nível atingido pelo factor agrícola, industrial, turístico e cultural.

O primeiro e o terceiro factores são consequências naturais do que actualmente se nos oferece; o segundo e o quarto são exigências que devemos manter, justificadas por variados modos.

O factor cultural aparece aqui por dois motivos: um, resultante da sua indispensável presença em qualquer grau de progresso; outro por haver necessidade, e ser de inteira justiça, destacar os que destas bandas são, e que na guerra, nas ciências, artes ou letras, na política ou na caridade, tiveram papel preponderante, legando deste modo à terra, um forte património espiritual, tão necessário nos tempos que correm.

A extensão e as características que são de esperar, no desenvolvimento agrícola, industrial, turístico ou cultural do concelho serão agora objecto de nossa atenção.

Antes porém note-se que fomos levados a omitir entre outros factores possíveis, o factor pesca, quando se teve em causa uma região com 14 quilómetros de Costa; o facto a princípio cau-

sou-nos a maior estranheza, mas facilmente nos apercebemos da justificação (para nós é justificação) de tal falta.

No concelho, como no restante País, temos dois tipos de pescadores: um é o tipo de pescador-lavrador, natural consequência da situação geográfica, e que ora em terra ora no mar procura o pão de cada dia; outro é o tipo específico de pescador, constituindo uma classe que pelos conhecimentos que possui e que de geração em geração lhe são transmitidos, pelo seu espírito muito próprio, desenvolve uma actividade exclusivamente piscatória.

Acontece que os primeiros se encontram numa posição que através dos tempos parece em nada ser alterada; enquanto os segundos, disfrutam de uma situação em franca decadência, a avaliar pelo seu número e pelo valor das pescarias. São estes que, segundo nos parece, poderão pesar seriamente no nível económico da região, por tal motivo serão objecto particular da nossa atenção.

A situação actual resulta do ciclo vicioso em que se caiu: não há pescadores e as pescarias valem pouco porque lhes não são fornecidos

(Continua na página 2)

No 1.º Aniversário de «O Fangueiro»

Meu caro António Carlos

Ao abrir o último número do teu O Fangueiro senti-me envergonhado ao ver que tinha deixado passar em silêncio o primeiro aniversário de uma arrancada que, quinzena a quinzena, ao receber visita para mim querida, cada vez acho mais heróica.

Nos primeiros anos da casa dos vinte, e tantos e tantos passaram já, também dirigi jornal provinciano em nova feição de combate político, procurando não envergonhasse a terrinha e bem servisse a causa patriótica pela qual lutava. Consegui que fosse decentinho, nada mais.

Por isso, sei avaliar o que representa o teu esforço, pois o teu quinzenário atingiu, logo de início, um nível cultural dificilmente igualável na imprensa provinciana mantendo esse nível durante já um ano, se é que não devêssemos dizer que o elevou constantemente.

Confesso sinceramente que o facto, mais do que me alegria, me comove em sentimento de profunda admiração.

Só me honraria sendo colaborador em camaradagem com os que ilustram as suas colunas, alguns a quem me ligam laços de especial consideração e estima.

Mas, a minha caneta está defumada por género de jornalismo distanciado de aquele que eu poderia dar para aproveitamento por O Fangueiro.

Assim, é difícil satisfazer a vontade de enfileirar entre os teus colaboradores.

Limito-me, pois, a enviar-te, assim como bênçãos de avô, as mais calorosas felicitações e os mais calorosos votos de brilhante continuação do teu benemérito esforço.

Um abraço do

2 de Março — 1959

Joaquim Paes (pai)

D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JÚNIOR,

Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo e Senhor de Braga, Primaz das Espanhas, Assistente ao Sólido Pontifício, etc.

A Acção Católica, organizada em Portugal a partir de 16 de Novembro de 1933 pela publicação das suas bases, celebra agora o seu vigésimo quinto aniversário de existência.

Durante este quarto de século de fecunda actividade, muitos e valiosos serviços tem prestado na formação religiosa da sociedade portuguesa.

Os seus trabalhos de aperfeiçoamento e elevação espiritual das almas são sem dúvida notáveis em extensão e profundidade.

Não são menos os trabalhos de preparação e esforço de conquista e reconquista cristã pelo apostolado da palavra e do exemplo.

Avulta entre todos os serviços prestados à causa da Igreja, o de a tornar mais conhecida e amada e mais consciente nas almas o valor da fé e da vida cristã.

Tão pouco se poderão esquecer as suas representações enviadas ao estrangeiro, a vários congressos e outras assembleias católicas, apertando assim os laços da nossa união, pelo coração e pela inteligência, com os católicos militantes de todo o mundo.

*

Nestes vinte e cinco anos decorridos, a Acção Católica tem-se estendido a toda a Diocese Bracarense, que muito lhe deve já; todavia, são ainda diversas as paróquias que a não possuem organizada e outras há onde a sua influência é diminuta.

Preciso é, pois, que se não encerrem as comemorações jubilaes, em que andam empenhados os dedicados dirigentes deste providencial movimento, sem que todos os

(Continua na página 3)

Algumas notas sobre a Organização do Tratado do Atlântico Norte

A CABADA a guerra de 1939/45, as potências vencedoras começam, em breve, a mostrar-se discordantes nos seus objectivos e nos seus métodos.

O Ocidente desarma. A Inglaterra, os Estados Unidos e o Canadá retiram do continente europeu o grosso dos seus exércitos. Os soldados regressam aos seus lares. É a paz.

A Rússia mantém-se em pé de guerra e equipa as suas divisões. Activa a produção de armamentos e entra a praticar uma política de alargamento e expansão, que, iniciada durante o conflito com a anexação pura e simples da Estónia, da Letónia e da Lituânia, vai submetendo, uma a uma, ao jugo moscovita, por um processo de "conquista sem guerra", a Albânia, a Bulgária, a Roménia, a Alemanha Oriental, a Polónia, a Hungria e a Checoslováquia — 1.400.000 Km², aproximadamente e cerca de 87 milhões de habitantes.

São claros os intuitos do Kremlin, que não esconde os seus propósitos de infiltração ao fomentar a guerra civil na Grécia, na China, na Indochina, na Malásia e na Birmânia.

Pelo uso permanente que faz do direito de "veto" no seio do Conselho de Segurança, a Rússia paralisa praticamente a acção das Nações Unidas. Moscovo fala, é certo e constantemente, de "paz", mas de uma "paz" o que significa submissão de todos os países ao sistema soviético.

Só unido o Ocidente pode fazer face à ameaça e à agressão.

(Continua na página 2)



Na sessão da admissão da Grécia e da Turquia na N. A. T. O, em Fevereiro de 1952, o Prof. Dr. Ruy Ulrich assina por Portugal

Algumas notas sobre a Organização do Tratado do Atlântico Norte

(Continuação da página 1)

O golpe de Estado de Praga, de 22 de Fevereiro de 1948, que liquida o regime democrático de Benés e Masarik na Checoslováquia, chama, finalmente, a atenção do Ocidente para a natureza das ambições soviéticas e para a necessidade de uma aliança defensiva contra os intuitos imperialistas da U. R. S. S.

A ideia não é nova. Já em Março de 1946, Churchill a tinha podido lançar e exprimir claramente no discurso pronunciado em Fultom (Missouri). Retomou-a pouco depois St. Laurent, Secretário de Estado dos Estrangeiros do Canadá, ao referir-se à inquietação das nações pacíficas perante a incapacidade do Conselho de Segurança da O. N. U. para assegurar a sua protecção. E Bevin sugere (em Janeiro de 1948) que o Ocidente se ligue por uma rede de acordos bilaterais (do tipo do Tratado de Dunquerque, que uniu, em 1947, a Grã-Bretanha e a França por um período de 50 anos).

No seguimento de tais sugestões e sob a pressão dos acontecimentos (Estaline mostra-se mestre na técnica hitleriana de liquidar, um a um, os seus inimigos) alguns países ocidentais — Bélgica, França, Luxemburgo, Países Baixos e Reino Unido — assinam o Tratado de Bruxelas, ao abrigo do qual é instituída uma organização militar de defesa comum (17 de Março de 1948).

Sob um pretexto fútil a Rússia desencadeia, em Agosto de 1948, o bloqueio de Berlim e o Ocidente decide-se a adoptar uma política de firmeza e a prosseguir as consultas para o estabelecimento de uma aliança mais forte, e abrangendo povos que têm a mesma civilização, um fundo cultural comum, o mesmo desejo de liberdade, o mesmo respeito pela pessoa humana.

A decisão do Ocidente acaba por tornar-se realidade com a assinatura do Tratado do Atlântico Norte, em 4 de Abril de 1949, de que são partes:

a Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal e Reino Unido. (A Grécia, a Turquia e a Alemanha Ocidental aderem posteriormente à Aliança que fica tendo, assim, a participação efectiva de 15 países).

O tratado propõe-se estabelecer a paz e a coexistência pacífica entre os Estados; salvaguardar a liberdade e o respeito pela pessoa humana; promover o progresso social, a elevação do nível de vida e o desenvolvimento do bem-estar das populações; e organizar um dispositivo de segurança capaz de desencorajar toda a ameaça de recurso à guerra como fórmula de solução dos problemas e dos diferendos surgidos entre os povos.

Para dar execução aos objectivos da Aliança Atlântica foi instituída e entrou em funcionamento a Organização do Tratado do Atlântico Norte (mais vulgarmente conhecida pelas abreviaturas NATO ou OTAN), que tem, sumariamente, a seguinte composição:

Um organismo superior, o Conselho do Atlântico Norte, formado pelos representantes permanentes dos 15 países da Aliança e funcionando sob a presidência do Secretário-Geral (actualmente Paul-Henry Spaak), dirige e coordena a actividade da Organização. O Conselho é auxiliado por Comités encarregados de dar parecer sobre os problemas especializados. No plano militar e funcionando na dependência do Conselho, o Comité Militar, com um organismo executivo (o Grupo Permanente), controla e coordena os planos de defesa da Aliança. Sob a sua direcção os Comandos Aliados (o SAGEUR, o SACLANT, o CUSPRG e os Comandos da Mancha e aero-naval da Mancha) asseguram a integridade territorial da zona coberta pelo Tratado.

No campo das realizações, a colaboração entre os membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte, para além da aliança defensiva que visa a impedir a guerra e a reprimir a agressão, mantém a sua inteira actualidade, e

OCUPA-SE:

— do desenvolvimento económico e do bem-estar das populações dos países membros (art.º 2.º do Tratado);
— da intensificação da cultura e da investigação científica, pela concessão de bolsas de estudo e outros meios adequados;
— de conseguir que o esforço da defesa não afecte o equilíbrio e a estabilidade financeira das nações signatárias;
— de efectuar por conta de um orçamento comum as obras de infraestrutura necessárias ou de interesse para segurança colectiva da Aliança.

E CONSEGUIU:

— forçar a Rússia ao levantamento do bloqueio de Berlim, um mês, justamente, após a assinatura do Tratado e mercê da eficiência da « ponte aérea » e da política de firmeza e de coesão ocidental;
— desencorajar toda a tentativa de expansão moscovita no continente europeu, fazendo com que os russos, após o estabelecimento da Aliança, não tivessem podido avançar mais um passo a caminho do Atlântico;
— evitar a « satelitização » de novos países e enfraquecer o prestígio dos partidos comunistas europeus.

E SABERÁ:

Enfrentar o novo perigo de infiltração que se está desenhando nos continentes asiático e africano, para onde a política do Kremlin — servida pela força do comunismo mundial, e perdida a esperança na possibilidade de um

POSTAIS DE BARCELOS

AS FESTAS DAS CRUZES

COM um programa variado, de luz e cor, diversões e passatempo, vão realizar-se, em Barcelos, as tradicionais e afamadas Festas das Cruzes. O centro polarizador destes festejos tão luzidos e antigos é o Bom Jesus da Cruz, como já referimos no postal do último número do jornal. Entretanto, como já anotamos, nem sempre os números do programa, por irreflexão, inconsciência ou ignorância, estão intimamente ligados ao motivo das Cruzes. Bem ao contrário, conforme temos presenciado todos os anos. Este ano, porém, segundo informação merecedora de crédito, a Comissão das Festas, à frente de quem se encontra a Direcção do Grémio do Comércio, pensa realizar, no dia dois de Maio à tarde, a procissão da

Invenção da Santa Cruz. Será imponente esta procissão, não só pelo significado intrínseco, como pelos personagens que nela intervirão, as altas representações distritais e concelhias, as inúmeras figuras alegóricas, a presença veneranda do Primaz das Espanhas, a imponente de associações e confrarias religiosas.

Esta procissão será número importantíssimo das Festas e caracterizará o rumo que elas devem ter de homenagem ao Bom Jesus e ao símbolo da redenção — a Cruz de Cristo.

Com todo o prazer escrevemos estas palavras que são a inequívoca demonstração de que sabemos louvar o que merece elogios e nunca nos dispensaremos de criticar aquilo que é digno de censura.

Notas Pessoais

Encerrou o restaurante da Esplanada por motivo de ser entregue a sua exploração a uma nova gerência.

— Decorreu, com muito brilho, nesta cidade, a Visita Pascal que foi presidida pelo nosso Rev. Prior e pelo P.º Alberto da Rocha Martins. No Compasso tomaram parte vários estudantes universitários da nossa cidade.

— Visita, no próximo Domingo esta cidade, a fim de presidir a uma reunião vicentina, o ilustre Bispo Auxiliar de Braga, Senhor D. Francisco Maria da Silva.

— Alguns políticos de Barcelos tomaram parte, no pretérito Domingo, em Braga, no banquete de confraternização nacionalista.

— Encontra-se doente, em virtude de ter sofrido um desastre, a Sra.ª D. Olinda de Afonseca e sua veneranda Mãe.

C.

Aspectos Económico-Sociais do Concelho de Esposende

(Continuação da página 1)

meios necessários porque a situação se modifique; não se fornecem os meios, porque o número de pescadores e valor das pescarias o não justifica.

E por mais voltas que se dêem não saímos disto. Ora a questão sob o ponto de vista teórico exige uma solução única: só fornecendo os meios é que o fomento se alcança; parece-nos ser este um princípio geral. Mas vendo agora o caso prático e tipicamente nosso, pode pôr-se a pergunta: « que meios se terão de fornecer ao pescador para que da sua actividade resulte um acréscimo económico da região? » — repare-se que o progresso da classe piscatória em si, pode fazer-se com a disponibilidade de meios bem mais restritos e está fora da questão, embora seja da maior justiça que se faça.

Parece-nos fora da dúvida que em primeiro lugar haveria que cuidar da segurança da barra, que como se encontra actualmente, de modo algum satisfaz ao fim em vista.

assalto directo ao reduto ocidental — parece decidida a encaminhar os seus desígnios de imperialismo expansionista.

Unidas, as potências ocidentais puderam evitar uma nova guerra mundial e a OTAN está sendo para as nações livres uma garantia de paz.

O arranjo do porto de pesca abriria uma porta para a expansão da classe piscatória; poder-se-á mesmo imaginar o estabelecimento de uma frota de pesca que, pela sua actividade, contribuiria para o progresso de uma área razoável do concelho; e mas quanto de problemático não encerra esta suposição?

Tal expansão deveria resultar fundamentalmente da fixação de elementos que hoje, chegados aos vinte anos não hesitam em emigrar (qualquer tentativa para os prender à terra seria de louvar e creio, bem justificada), da chamada de elementos que já emigraram, muitos dos quais veriam de bom grado o regresso à terra onde vivem os seus, mas cujo número se não pode avaliar; finalmente da afluência de elementos de outras regiões que aqui se poderiam estabelecer, o que é pouco provável dada a proximidade de dois centros piscatórios há muito estabelecidos como são a Póvoa e Viana.

Dai que pensemos não poder crescer dum modo notável em relação à extensão da região, a classe piscatória localizada na foz do Cávado. Admitamos porém que o balanço das três ocorrências expostas, seria de tal ordem que colocasse dentro dum plano de razoável lógica o arranjo da barra;

em quanto não importaria este? Bem sabemos — e até sentimos — da existência duma tradição local, que a ser atendida, levaria a um simples prolongamento do paredão da barra, e à ligação do Bilhano com o cais do Salva-Vidas; esta seria a solução técnica, para muitos.

Mas sob o ponto de vista técnico, uma tradição não é mais nem menos que uma tradição; está muito longe de ser uma certeza, dentro do que certo nos pode dar a ciência; será um valor a ter em conta mas que necessita de muito mais. No momento que vivemos em Portugal, não podemos, principalmente no plano económico e social, ir em aventuras; há que partir para as realizações com um número máximo de dados certos. Ora a nossa barra, enferma de uma doença que sob o ponto de vista da téc-

Livraria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente Livraria da Póvoa.

Descontos aos Snrs. Professores

FOLHA DE EVA

Retorno à vida

Por DALILA BRITO

(Continuação do número 24)

DESCEU para tomar o pequeno almoço e, soube pela estranha criada, todas as respostas às perguntas formuladas acerca daquela estranha casa. Necessitava de saber o que a rodeava, qual o ambiente que seria o seu, enquanto ali se encontrasse. Soube assim, que aquela casa era uma espécie de refúgio, para aqueles que queriam fugir a um mundo, que de qualquer modo lhes fora adverso. Os antigos donos morreram, deixando o palacete, todo o seu encanto e mistério a um parente afastado e distante que resolveu mandar modernizá-lo, para lá passar as curtas férias concedidas aos ho-

mens de negócios. Para isso foi Joana solicitada.

*

Lentamente, com a preguiça escorrendo por todo o corpo, Joana dirigiu-se à praia não distante e sentou-se. Olhando o mar, sentiu de súbito a sensação de que era olhada. Voltando a cabeça, deu com uns olhos profundos e tristes, observando-a — era o estranho que viu na véspera. Conversaram... Joana levantou-se e partiu. Sentiu, que saía de um fantasma e começava a entrar noutra fantasma. O desconhecido fez-lhe compreender, que a sua acção naquela casa iria destruir o mundo de três ou quatro pessoas estranhas, que ali se refugiaram, vivendo, não sabia de que ilusões, de que sentimentos... mas ririam e era tudo, pintando, escreven-

do, sonhando porventura... Odiou-se e quis fugir, mas continuou. Sentiu o ódio e... continuou. Ela sabia que ficaria também, não como decoradora, mas como alma que procura o seu refúgio. Foi adiando o seu trabalho e nunca o concluiu, porque também nunca o havia começado.

*

Passou o tempo, muito tempo e Joana encontrou a paz. Passou o tempo, e Joana encontrou o amor. Encontrou o amor no coração de Pedro — o estranho homem das longas barbas e dos profundos olhos que fitavam tristes. E foram uns braços conhecedores do mundo, cheios de verdade e de ternura que certo dia a estreitaram e lhe disseram amo-te para sempre.

FIM

RESCALDOS DAS FESTAS DO Senhor de Fão

SE tentarmos evocar toda a quadra das festas que tiveram por cenário a nossa terra nos dias 3, 4, 5 e 6 do corrente parece-nos que tudo se encontra já envolto na bruma do esquecimento.

Há em nós como que um vácuo triste. Tudo acabou já.

E não há dúvida. As festas estiveram esplêndidas. Rendemos a nossa primeira homenagem ao Tempo. Ele é que torna a tradicional romaria em boa ou má. Contra o costume ele contemplou-nos com uns dias ideais; sem chuva, sem sol que crestasse nem frio que se temesse.

Houve inovações; a apresentação de quatro ranchos folclóricos: Rancho Rodrigues Sampaio de S. Bartolomeu do Mar, a Ronda de Vila Chã, Grupo Folclórico Póveiro e Rancho de St.^a Marta de Portuzelo. Foi, não há dúvida, um espectáculo aliciante, agradável de cor, de belezas e movimentos que atraiu ao recinto uma grande multidão. No sábado, portanto, foi um dia Grande.

Amanheceu o domingo.

A festa continuou. Inúmeros forasteiros, membros da colónia balnear, fangueiros há muito ausentes que neste dia vêm matar saudades. Desta vez podia passear-se pela alameda pejada de tendas, grandes e pequenas, sem que o barulho dos alto-falantes nos atormentassem os ouvidos. O som daqueles morria longe lá para o interior da vila; e a pista de carrinhos eléctricos, aviões, foram retirados para o Cortiçal e com eles o atraente ruído dos seus amplificadores de som.

Ouviram-se as bandas sem perturbações irritantes.

O Fogo decorreu igualmente bem. Sempre muita gente. A pista de automóveis sempre à cunha.

Segunda feira. Como sempre o povo das Pedreiras esmerou-se no arranjo da sua rua para receber a Procissão aos entrevados. Um tapete extenso, multicolor, cuidado, artístico expressam o indesmentível bairrismo da gente da Rua Serpa Pinto. Seria proveitoso que aquele antigo costume das duas comissões, uma das Pedreiras e outra de Fão, se reacendesse. Há despiques e brios que contribuem para melhorar certas empresas.

Foram pois, felizes os senhores da Comissão de Festas do Senhor Bom Jesus de Fão deste ano milenário de 1959. Oxalá o seu entusiasmo não esmoreça; e que as Festas fangueiras resultem sempre com um êxito igual ao deste ano.

É uma questão de trabalho e espírito de iniciativa.

Falecimentos

Um tanto inesperadamente, faleceu em Fão, com a idade de 42 anos, o Snr. José Pereira Vitorino.

O extinto era casado com a Snr.^a D. Madalena Morgado, ausente no Brasil.

O seu enterro, realizado na segunda feira, dia 30, teve a assistência de elevado número de pessoas.

*

Na Rua do Ramalhão, faleceu, vítima de congestão cerebral, o Snr. Miguel Vieira de Magalhães, Soldado reformado da G. N. R., com a idade de 69 anos.

O seu funeral realizou-se no dia 4 para o cemitério local.

As famílias enlutadas apresentamos pêsames.

Arménio Augusto Oliveira Sotto-Mayor

Esteve alguns dias em Fão o nosso prezado amigo Senhor Arménio Augusto Oliveira Sotto-Mayor, Presidente do Grupo dos Amigos de Fão.

nica hidráulica é simplesmente terrível: é-o sempre difícil de explicar «movimento de areias». De tudo isto resulta, para nós, a sensação de que se não justifica um arranjo em tal extensão (mesmo que seja o ditado pela tradição) somente para expansão da pesca.

Mas porque um arranjo na barra e complementar canalização do rio até à Junqueira poderia contribuir sobretudo para um regresso à construção naval, voltaremos a este assunto no devido tempo.

Doentes

Vítima de uma queda tem guardado o leito a Ex.^{ma} Senhora Prof.^a D. Aida Mariz da Venda Ferreira, dedicada esposa do Snr. Prof. Mário Ramiro Dias Ferreira.

*

Também se encontram doentes, motivo por que têm guardado o leito, as Senhoras D. Joaquina Monteiro e D. Júlia Fernandes Alves e o menino Carlos de Sá Pereira Ferreira.

*

É elevado o número de pessoas que na nossa terra têm recolhido ao leito devido à gripe australiana, segundo se diz, que entre nós tem grassado com acentuada intensidade.

De visita

Em Fão estiveram a passar as festas do Senhor Bom Jesus, os Ex.^{mos} Snrs.:

Dr. Vasco Teixeira, José Joaquim Fernandes, José Peixoto Braga, P.^o Job Teixeira, P.^o Avelino Pinheiro Borda, P.^o José Ferreira, Prof. Mário Ramiro, Manuel Faria Solinho, Manuel Parente de Oliveira, Dr. Alberto Malafaia Baptista, Irmãos Matias, Arquitecto Pádua Ramos, José Madureira, Manuel Gonçalves Sacramento, Francisco Costa, Ernestino Costa, Manuel Gomes da Costa, Franklim Martins Lima e Arlindo Ferreira.

D. Aracy Silva Sobral

Tem guardado o leito a distinta Senhora D. Aracy Silva Sobral, dedicada esposa do nosso bom amigo Snr. Artur Sobral, ausente no Brasil. O Fangueiro faz votos por um pronto restabelecimento.

Letras e Artes

Nos próximos números vai o nosso Jornal iniciar uma folha de carácter literário, sob a orientação do nosso colaborador Dr. José Carlos de Vasconcelos.

Nascimento

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma menina a Snr.^a D. Elisa da Silva Carlos, esposa do Snr. Daniel, ausente na Venezuela.

Família Sampaio e Castro

Esteve alguns dias na sua casa de Fão a ilustre Família Sampaio e Castro a quem O FANGUEIRO apresenta cumprimentos.

Partida

Para Lisboa partiu em companhia de seus filhos e neto a Snr.^a D. Emília Assunção Matias. Fazemos votos por uma óptima estadia.

Falsa Certeza

Não sei quem és:
Não sabes quem sou.
Mas sei quem és:
Sei que sou.
E aqui estou,
Pés e mãos,
Alma e coração,
À espera do dia
Que há-de chegar.
E então,
Amar ou odiar,
Sim ou não,
Saberei quem és,
Saberei quem sou,
E dirás também:
Aqui estou...

José Carlos de Vasconcelos

D. ANTÓNIO BENTO MARTINS JÚNIOR,

(Continuação da página 1)

nossos caros diocesanos se capacitem da obrigação moral de se integrarem e inscreverem nesta escola, espécie de Universidade ou Estudos Gerais, e de se põrem ao seu serviço auxiliando-a com as suas orações, com os seus sacrificios, com a sua palavra, com o seu exemplo e com os seus recursos e meios pecuniários, na medida do possível.

Precisamente neste momento carece a Acção Católica Diocesana de auxílios materiais, que a habilitem a cumprir, integralmente e por forma digna desta Diocese, todos os números do programa das realizações jubilares, na parte que lhe toca.

No intuito de os conseguirem, os organismos diocesanos responsáveis vão trabalhar, percorrendo a Diocese, para que o costumado peditório do Pentecostes, que anualmente se faz em todo o País, desde há anos, seja aqui bem compreendido e mais bem correspondido.

Exortamos os Rev.^{mos} Arciprestes, Párocos e demais Sacerdotes, e a todos os nossos caros diocesanos, a que facilitem, de modo especial por este ano, e de boa mente colaborem nesta santa cruzada, que muito interessa ao triunfo da Acção Católica e da Igreja.

Braga, 30 de Março de 1959.

† ANTÓNIO, Arcebispo Primaz

LEIA, ASSINE E DIVULGUE

O FANGUEIRO

As três uvas passas

Por ANTÓNIO RODRIGUES LEITE

(Continuação do número 26)

ANTÓNIO era um sonhador, um sentimental por vezes arrebatado mas, sempre sincero no seu romantismo.

É este António melancólico e quase ingénuo, que vemos agora entrar na sala onde já alguns pares rodopiam, levando Iolanda pela mão e fazendo leves mesuras aos presentes.

Ela apresentava-se esplendorosa num vestido de tule verde claro com um decote um pouco ousado em bico, deixando a descoberto as mais belas e mais brancas costas que se possam conceber.

Como para realçar aquela pele de neve, António acabara de descobrir um sinal castanho mesmo ao fundo da graciosa omoplata esquerda.

António no seu fato preto de cerimónia, também tinha algo de imponente e elegante. Toda a juventude presente o apontava como o par da noite.

Mariana também já fizera a sua aparição, vinha de vestido azul celeste de corte simples mas agradável, embora subido até ao fino pescoço não lhe roubava beleza, aquela beleza quase angelical de que parecia exclusiva.

Beijou afectuosamente Iolanda, depois sentou-se para melhor admirar o lindo e galante par.

António sentia-se alegre e comunicativo, embora estranhasse tal estado de espírito, atribuía-o ao ambiente festivo que imperava na sala.

Iolanda também se mostrava contente, porém esta alegria era supérflua e cínica, ela fora ali com um fim, fora para isso que levava o mesmo vestido que estreará no baile da formatura. Sofria, mas não deixava que outros adivinhassem o seu sofrimento.

Na sua inocência Mariana exultava de alegria, pois via a sua melhor amiga e seu irmão dançando como um verdadeiro par enamorado.

-- Pobre pequena...

Pensava Iolanda.

A meia noite aproximava-se, o espumante e as tradicionais uvas passas, estavam prontas a serem servidas.

A orquestra tocava agora uma romântica valsa de Strauss, os pares dançavam com evidente elegância e distinção.

António estava agora como que absorto do ambiente que o rodeava, tudo lhe era confuso, apenas uns olhos verdes pregados em si, era o que ele podia ver e sentir.

Apertando mais ao seu, o esbelto corpo da formosa rapariga, perguntou-lhe em voz baixa e muito meiga: — Que vai pedir para o próximo ano?...

Um riso irónico e uma gargalhada quase indiscreta, foi a única resposta que obteve. António ia a falar mas os músicos deixaram de tocar e um relógio deu a primeira das doze badaladas...

Todos à uma correram para

as mesas, António puxando por Iolanda correu para uma, agarrou numa taça de espumante e três uvas passas deu-as ao seu par, ao mesmo tempo que lhe dizia quase gritando: — Faça os seus três pedidos... Iolanda comeu a primeira, pronunciando palavras que António não compreendeu, fez às outras o mesmo, mas com mais rapidez bebendo em seguida o espumante.

O relógio batera cinco badaladas, António comeu uma por uma as três uvas ao mesmo tempo que dizia, respectivamente: — O seu amor, o nosso casamento ou a morte...

O amor nascera naquele peito com tanta intensidade, que ansiava por ter de novo nos seus braços o corpo palpitante da capitosa rapariga, se ele a ouvisse nos seus pedidos para o novo ano, talvez não mudasse de opinião, tal era a felicidade que sentia.

O baile prosseguia, Iolanda dava alento para que aquela amizade se transformasse em sincero amor, o que de facto acontecia.

António não demorou a abrir o seu coração deixando-o falar livremente...

— Iolanda, que feliz me sinto em tê-la por par, todos os rapazes presentes me invejam... Sinto-me vaidoso creia... Vejo agora, que já há muito tempo que a amo...

Procurando-lhe o ouvido ciciou-lhe:

*Iolanda nome tão belo
Que eu adoro dizer,
Sem ele como seria
Triste e negro o meu viver.*

Iolanda lentamente desprende-se dos braços do rapaz, ao mesmo tempo que lhe dizia: — Não o sabia poeta?... Sempre detestei poetas e as suas quase sempre insípidas poesias...

— Julgando que ela brincava António ainda lhe disse: — Má... Não me faça sofrer... Deixe-me amá-la à minha maneira... Deixe-me cantá-la tal como...

Não acabou de completar o seu devaneio, Iolanda voltava-lhe as costas. Sem dizer palavra safu para a rua.

*

Mariana só agora vira o que fizera, só agora vira a perversidade daquela mulher.

— Iolanda, por amor de Deus, por favor não deixes ao menos de lhe falar...

Assim lhe dizia a pobre pequena sempre que a visitava. Iolanda porém não fazia caso.

O tempo ia passando e António já não via Iolanda há mais de meio ano, mas nem sequer um minuto se esquecera dela. Agora safu todas as noites e regressava de madrugada, Mariana via-o chegar todas as manhãs. Como estava. Apenas 20 anos. Ela via-o despedir da vida. Cambaleando, proferindo palavras obscenas e de cigarro

Aniversários

Fazem anos:

ABRIL

Dia 11 — D. Maria Martins Saraiva.

Dia 12 — D. Aracy Silva Sobral.

Dia 14 — D. Ana Gonçalves Faria e D. Deolinda Passos Faria Igreja.

Dia 15 — D. Palmira Duarte Loureiro, Póvoa de Varzim.

Dia 16 — As meninas Laisy Silva Sobral e Maria Cândida Reis Campos, D. Carolina de Almeida Pires, Alvaro Campos e Armando Saraiva.

Dia 17 — João Domingues da Venda e José Moreira da Silva.

Dia 18 — D. Aurora Fernandes Gaifém.

Dia 20 — Menina Georgina Lacerda Viana.

Dia 21 — Custódio Finistera, Aver-o-Mar.

Dia 23 — D. Maria da Piedade Pinheiro Borda.

Dia 24 — Menino José Carlos Mariz Dias Ferreira.

Dia 26 — Vasco Abranches, Lisboa.

Dr. João Rodrigues Baptista

Encontra-se adoentado, na sua casa em Fão, o nosso preclaro amigo e distinto colaborador Snr. Coronel Dr. João Rodrigues Baptista. Auguramos um pronto restabelecimento.

Visita amável

Tivemos o grato prazer de abraçar na nossa Redacção o nosso querido amigo Senhor Dr. Jaime Valente de Matos, ilustre professor da Escola Industrial e Comercial de Barcelos.

ao canto da boca, era como ele chegava todas as manhãs. Ia para o escritório sem dormir. Agora Mariana ouvia-o tossir fortemente, mas ele dizia-lhe que não era nada.

Um dia António veio num automóvel ao meio da tarde do escritório, tinha febre e suores, mais tarde tivera uma imoptise.

Entretanto Iolanda desinteressou-se da sua amizade com Mariana, porque esta falava-lhe no irmão, tornou-se uma rapariga vulgar caprichosa, cheia de vaidade por ser bela, não descurava nem um pormenor que mais a pudesse realçar.

Um dia quando saía para o cinema, Mariana deteve-lhe os passos: — Quero falar-te.

Iolanda estremeceu, reconheceu a voz de Mariana mas, notou-lhe uma tonalidade diferente, não era a voz meiga que ela lhe conhecia, mas sim irónica e ameaçadora.

— Sim, quero dizer-te que a tua vingança está completa... António não deve chegar ao fim do ano... Quero também que te recordes que faz hoje um ano que te con-

Recordações de uma viagem a Goa

(Continuação da página 6)

Lançou depois hordas de indianos maltrapilhos que na sua boa fé ou na sua ganância e comandados por políticos sem escrúpulos, tentam fazer crer ao mundo que representam a vontade do povo goês. São esses mesmos «Satyagrahis», paladinos da libertação, que confessam terem sido engodados com a promessa de rico espólio em terras que lhes seriam distribuídas. Falhando pela segunda vez não desiste o Senhor Nherú, lembrando o avaro que, para juntar mais umas moedas ao seu pecúlio, não hesita nas mais baixas torpesas.

Vem agora a terceira fase, a mais hedionda, pois já algumas vidas se perderam. É preciso desmoralizar e para isso a União Indiana paga bem aos seus sequases, segundo se diz, e lá aparecem os grupos fardados como a nossa polícia a atacarem num e noutra ponto carros, postos isolados, patrulhas, instalações técnicas, etc. O que não esperavam é que a desmoralização desejada se transformasse em sobressalto de nojo e indignação perante tal atitude.

A caça esses bandos é cerrada e irá até ao seu total extermínio.

Entretanto o Senhor Nherú continua a discursar e a afirmar. Sim, o Senhor Nherú afirma sempre e sempre diferente.

Será que Goa seja «uma verruga no seio da face sagrada da Índia» ou que «Goa é uma mancha rutilante nessa mesma face sagrada»?

A primeira afirmativa não é minha e todos sabem de quem é; a segunda é com certeza minha e deixo aos leitores a escolha qual das duas é a verdadeira.

Desastre

Parece provado que aquele dispositivo posto na curva da ponte deu já o seu resultado.

Existem no «auto-saf» sinais de que já um automóvel ali roçou com violência. Dado que nenhum alarme se propagou é de acreditar no eficiente resultado daquele sistema de protecção. Esperemos, no entanto, por mais, para nos pronunciarmos.

Para o Brasil

Partiu para o Brasil, acompanhado de seus dois filhos a Snr.^a D. Ana Fernandes Gaifém. Boa viagem.

Casamento

Realizou-se em Fão o casamento de Adelaide Pereira Campos, filha da Snr.^a D. Rosália Campos Neiva e do Snr. Moisés Pereira Campos, com Américo Graça da Silva, filho da Snr.^a D. Rosa Santos Graça e Arménio Gonçalves Silva.

Foram padrinhos, por parte da noiva, D. Arminda Pereira Campos e Manuel Campos Neiva, e por parte do noivo, D. Rosa Carlos Campos Neiva e António Graça Silva.

Aos noivos deseja O FANGUEIRO inúmeras felicidades.

Visado pela Censura

videi para o baile em minha casa...

Iolanda já não seguiu para o cinema, veio para casa, a ideia de que António morria por sua causa fê-la estremecer de medo.

Pegou no telefone e ligou para a antiga amiga, pediu-lhe perdão e perguntou-lhe onde estava António. Mariana informou-a de que o irmão se encontrava num sanatório.

— Mariana vem passar comigo esta noite, prometo-te ir ver teu irmão...

Iolanda sentiu que do outro lado do fio desligaram. Pousou o auscultador e apertando a cabeça entre as mãos e começou a chorar convulsivamente.

Depois, ergueu-se repentinamente, tinha tomado uma resolução...

Foi a casa de Mariana, deu-lhe um embrulho que fizera em casa ao mesmo tempo que lhe dizia: — Leva para junto de teu irmão, vai corre, vamos passar o ano com ele.

Um ano se passara, Iolanda sentada a um canto do táxi ia pensando na tragédia que estava iminente na sua vida.

Se António morresse iria para um convento... Não, viver sem ele nada valia, antes queria matar-se.

No barulho do eléctrico que a conduzia ao sanatório, ouvia agora aquela mesma valsa de Strauss e pensava: — Qual seria a reacção de António quando a visse entrar...

Mariana viera esperá-la fora do pavilhão e pedira a Iolanda que esperasse na sala pela meia-noite... A surpresa seria maior.

O carrilhão da cidade dá a primeira badalada, Mariana abre a porta do quarto diante do olhar estupefacto de António... Vai a correr ao outro quarto traz três taças e um pires com uvas passas...

Iolanda entra lentamente no quarto de António, este dá um grito abrindo os braços para ela que agora já corre ao encontro dum abraço e um casto e longo beijo de amor.

Mariana esperava com as taças nas mãos, depois os dois comeram as uvas passas ao mesmo tempo que diziam:

— O nosso amor, a nossa felicidade e a de Mariana...

FIM

DA MARGEM DIREITA

(Continuação da página 6)

pressivos exemplos da toponímia jacobea: PALME e PALMEIRA. Ambos correspondem a povoações do percurso da estrada que, pelo litoral e atravessando o Cávado na Barca do Lago, chegava a Santiago de Compostela. Querer hoje seguir essa estrada, não é fácil. Não obstante, tentamos uma construção de que muito em breve será dada conta.

Mas voltemos aos dois topónimos citados. Palme, povoação do concelho de Barcelos, nascida à sombra do convento beneditino, tem Santiago por patrono; e Santiago é ainda um dos seus lugares, por onde provavelmente passava a estrada dos peregrinos, que mais adiante vencia o Neiva numa ponte onde o restauro do século passado não apagou a traça anti-quíssima.

Palmeira do Faro, a outra povoação, no termo esposendense, fica a uns centos de metros da passagem do rio Cávado. Nem sempre assim se chamou. No Censual do Arcebispo de Braga D. Pedro IV (antecessor de S. Geraldo), dos fins do século XI, entre as freguesias de «inter Ave et Cadavo de ribulo Covo usque in mare», figura a de S. Eolalia de Faro. Nela paravam os cobradores do Arcebispo a jantar, o que a isentava de qualquer outro imposto. Como se vê, a povoação nesse tempo ainda não se denominava Palmeira.

Mas nas primeiras inquirições (Afonso II, 1220) já aparece com o nome de Sancta Eolalia de Palmeira do Faro. Parece, pois, que o topónimo Palmeira é posterior aos fins do século XI e anterior a 1220. É mais que provável que o seu aparecimento coincida com o impulso dado às peregrinações de Santiago por Alexandre III, nos fins do século XII (1181 e pela «bula «Regis Eterni»). Seja porém qual for a data ao certo, Palmeira é um topónimo nitidamente ligado às peregrinações a Santiago de Compostela e só apareceu com esses movimentos de povos em direcção à Galiza. Tal e qual como Palme.

Palmeira e Palme: «duas estações» da longa «via-sacra» para o Santuário do Apóstolo das Espanhas.

Esposende, 6 de Abril de 1959.

CINE-CLUBE

(Continuação da página 6)

Surgiu então «Roma, Cidade Aberta» que abriu a estrada para «Ladrão de Bicicletas», «Milagre de Milão», «Humberto D.», «O Capote» e tantos outros filmes sublimes que entraram em todos os corações, apaixonando todos com a sua Mensagem duma Realidade tão dura como Humana, tão bela como Verdadeira...

A despeito da existência dos verdadeiros criadores do Cinema neo-realista — Rossellini, de Sica, Castellani, Visconti, Latuada, Zampa, Germi, etc. — tentaram já desmoralizar o neo-realismo atribuindo-lhe uma falsa «crise». Mas não conseguiram tal! E a queda dessa ôca campanha aconteceu com a aparição de Frederico Fellini, genial continuador, que nos deu «Estrada», «Noites de Cabiria» — verdadeiros portentos do Cinema neo-realista que logo apaixonaram a crítica de todo o mundo.

Lembramos a necessidade do cine-clube, a fim de tentar uma fuga da nossa juventude ao cinema comercial, trazendo-lhe a Arte do Cinema como inesgotável fonte de cultura. Só assim será possível a continuidade de bons filmes, a volta de obras primas esquecidas pelas empresas sempre atentas à bilheteira.

O essencial é boa vontade, acção, e o CINE-CLUBE deixa de pertencer exclusivamente às cidades para aparecer também na província, elevando assim o nível de cultura de todos. A criação de um CINE-CLUBE é uma necessidade urgente, digna de estudo. O importante é planear, angariar colaboração para atingir o fim desejado.

Esse fim é digno e é bom como tudo quanto se faça a bem da cultura da nossa juventude.

Um problema alarmante

(Continuação da página 6)

notícias recentes, falam das curiosas experiências, realizadas pelo laboratório nacional americano «Oak Ridge», que trabalha por conta da «Atomic Energy Commission». Chegaram — embora prossigam as investigações — a esta conclusão animadora: «as poeiras radioactivas são perto de 4 vezes menos perigosas, do que se pensava». Dado que esteja certo, o perigo é mais que suficiente!

Imprudentes, alguns políticos, esquecidos de certos factores dominantes, acumulam ameaças. Caso vingasse a imprudente velhacaria, quem conseguiria escapar? Querem um exemplo? «Se uma bomba, como a de Hiroshima, deflagrasse, em Paris, na «Praça da Concórdia», eis quais seriam os prejuizos: primeira zona (600 metros de raio) pulverização e carbonização totais; segunda zona (1.200 m): destruições e incêndios piores que no mais terrível dos bombardeamentos clássicos; terceira zona (2.000 metros): destruições, apenas menores; quarta zona (3.000 m.): tectos, janelas, divisões interiores; quinta zona (5.000 m.); prejuizos, apenas metade dos precedentes; sexta zona (8.000 m.): graves prejuizos provocados pela deslocação do ar». Crescem, em quase todos os países, as centrais nucleares, entre elas a de Marcoule (70.000 Kv), na França, e que estará pronta em 1960. Aumentará imenso a produção de electricidade, o que é importante. Resta saber que destino levarão os resíduos.

Falemos, unicamente, dos sólidos.

Supondo uma central de 2.000 meigawatts, alimentada por 3.500 quilogramas de urânio 235, sabemos que libertará 3.500 quilogramas de resíduos radioactivos. Tendendo, a sua percentagem a aumentar sempre o que sucederá, no espaço limitado de vinte anos? Eis a pior ameaça que pesa sobre a espécie humana. A primeira pessoa a dar o alarme, foi o biólogo americano Hermann Muller. Que fazer, das toneladas e toneladas, de produtos, altamente perigosos, que condenam, a uma lenta degenerescência, as gerações futuras? Exagerará, o médico inglês Carling, afirmando que, para 99 crianças deficientes, pode surgir um Einstein ou um Pasteur? Alguns, tentando encontrar tranquilidade relativa, asseguram que, uma parte importante, dos resíduos atómicos, será utilizada pela indústria, medicina, agricultura, química. E o que resta? Lançar, encerradas em cofres de cimento, toneladas e toneladas, atirando tudo para as profundas fossas oceânicas. Como os resíduos libertam calor e raios gama, é de crer que acabem por vencer o invólucro. Haverá necessidade absoluta de recorrer aos espaços interplanetários, sendo forçados, os astronautas, a ceder foguetões aos atomistas?

Convém recordar que a «Astronáutica» começou, na manhã de 5 de Outubro de 1957. O engenho soviético, o «Sputnik I», esfera de 58 centímetros de diâmetro, pesava cerca de 83 quilos. Pelo Mundo, à escuta, começou a ecoar o famoso bip-bip-bip. A velocidade sobre a órbita alcançava 29.000 Km./h.

Tudo que se tem procurado fazer, nas repetidas reuniões diplomáticas, tendendo a disciplinar a energia atómica, acaba sempre por um autêntico malogro.

Continuam as experiências nucleares, rios de dinheiro, com inteiro desprezo pelos desprotegidos da sorte, destinando-se a fins belicosos. Tomemos, ao acaso, duas: a explosão, a vigésima, efectuada, em 1957, no deserto de Yucca Flat (Nevada).

A visibilidade alcançou 500 quilómetros, e a nuvem elevou-se a cerca de 4.500 quilómetros. A seguir, no mesmo deserto, fizeram explodir uma mina atómica, a 250 metros de baixo do solo, a fim de permitir a descoberta da estrutura interna da Terra.

Antes de rematar estas considerações, focando assunto palpitante, queremos chamar a atenção para o seguinte: a bomba H, ou seja de hidrogénio, é centenas de vezes mais poderosa que a bomba de urânio. Esta serviria de detonador para fazer explodir a outra. Como, a de hidrogénio, não tem, como a precedente, massa crítica, pode-se introduzir qualquer quantidade de hidrogénio, e, portanto, dar-lhe a potência que se quiser, e torná-la dez vezes, cem vezes, mil vezes mais poderosa!...

Assentemos neste princípio, que devia fazer reflectir certos estadistas: que uma bomba mil vezes mais poderosa, faz sentir os seus efeitos dez vezes mais longe.

Que loucura anima os que proferem discursos agressivos, que pretendem esquecer o valor dos «Tratados», o direito que os povos têm à vida?!

Perderiam a memória, ou endouceram? Para satisfazer desejos violentos de ambições, correremos, a passos agigantados, para a hecatombe decisiva?

No fim, se o conflito estalasse, revolvendo o menor recanto, o que escaparia? Do que ficasse, quantas gerações passariam, sem que fosse restabelecida a economia geral?

As possibilidades de destruição, apresentam tais perspectivas, que causam graves apreensões, nos governos e nos povos. Deseja a Humanidade suicidar-se?

Como remediar tamanho horror?

Reconhecendo que, a guerra atómica, incomparavelmente superior a todas as anteriores, corresponderia à morte fulminante da Civilização!

Crónica do Porto

CONTRASTE

POR ODETE GAVINA

Foi num dia da semana que findou. Chovia muito desde manhã, uma chuva miudinha e maçuda, e os passeios es-corriam água para o meio das ruas...

Abrigada na minha capa e respectivo «chapéu-de-chuva», lá fa também levada na onda da hora prefixa para retornar ao meu trabalho no escritório... Ao voltar uma esquina avistei a poucos passos uma senhora «bem», alta e jovem ainda, envergando elegantemente um rico casaco de peles que o vento fazia ondular sem cerimónia nenhuma, toda entregue ao meticuloso cuidado de segurar o seu «chapéu-de-chuva» para que a chuva impertinente não escangalhasse a esmerada pintura do rosto...

A amiga que me acompanhava, sentenciou a sua admiração: — Ena! Que mulher!... Viste?...

Claro... Era «coisa» que não saía à rua de mãos dadas a capas baratas...

Não pude deixar, portanto, de replicar, com certo ênfase:

— Mulher?... Vá, diz antes, uma estatuetta da Sociedade!

De chofre, deparou-se-nos encolhida na soleira duma porta, com uma criancinha dormitando nos braços desagalhados, um pobre «farrapo» feminino que de olhos cavados numa tristeza profunda estendia a magra mão à caridade...

Sentindo bem o contraste entre aquelas duas «filhas de Eva», acrescentei à frase azeda proferida pouco antes:

— Vês tu? Mulher... é esta!

— Sim. Tens razão...

Não sei, confesso, que razão foi esta que a minha amiga me deu assim com a voz um tanto estranha e sonhadora, apenas penso — como pensei, então — que mais mulher era aquela mulher pobrezinha, molhada e cheia de frio, abraçando com extremo carinho o filhinho de encontro ao peito, do que a senhora «fina» que, aconchegada no seu fofinho casaco de peles caras, não dava outra atenção senão ao seu «chapéu-de-chuva» protector precioso da beleza artificial do seu rosto...

«Uma ténue visão»

Era já noite...

Ao longe o mar

Batendo de mansinho na areia de neve,

Tão cheia de luar,

Contrastava com a revolta íntima,

Só minha!

Era já noite...

A espreitar, devagarinho,

Eu via lá no alto,

Por entre o pinheiral,

Uma estrela brilhante.

Era já noite...

A noite da minh'alma...

A meu lado dormia

O pobre filho meu,

Faminto, esfarrapado,

Com fome dum carinho...

Era já noite...

E nunca mais voltou

Como outra noite...

Aquela que levou

Todo o meu ser...

Rompia o dia...

Num quarto quente,

Com o susurro duma voz amada,

Eu acordava...

Do sonho, uma ténue visão...

Dulce

(Aluna da Escola I. e C. da Póvoa de Varzim)

DA MARGEM DIREITA

Palmeira e Palme, duas «estações» de uma longa «Via-Sacra»

Pelo Dr. E. R.

EM crónica passada foi recordado o valor da barca de passagem do Cávado no sítio da Barca do Lago como caminho de Santiago de Compostela. Ficou mais ou menos destacada a sua importância e o principal incentivo que mobilizou as populações.

A medida que se alarga o fervor dos católicos que acorrem à Galiza, é maior o movimento pelo rio Cávado. Os peregrinos atravessam-no, seguindo o caminho do Santuário galego, cheio de caladas promessas. A concha, o seu símbolo, tem a forma da onda, fresca e regeneradora como o perdão. O bordão sustém o homem no caminho, como a fé sustém o espírito. Mas o peregrino não limitava a sua piedade à confissão e a receber a sentença de absolvição, simbolicamente, com os golpes das largas varas dos clérigos. Visitavam os lugares consagrados pelo Apóstolo Santiago. Ao chegar, a velha roupagem dos pecados, é abandonada. E como sinal de terem acabado a peregrinação, eram portadores de um ramo de palmeira, na volta à pátria. Palmeiros se chamava a esses peregrinos. E à terra deles dava-se o nome de Palmeira, ou Palma, ou Palme.

O topónimo espalha-se. Por Portugal não faltam localidades com semelhantes designações. Assim é que entre Cávado-e-Neiva, deparamos com dois nomes que são dois ex-

(Continua na página 5)

CINE-CLUBE

Por VALEIXO

O Cinema surgiu como um milagre para a cultura, contribuindo largamente para o desenvolvimento intelectual da geração presente.

O jovem busca no Cinema o que a aula, por si só, não pode oferecer-lhe: Arte através dum écran, cuja comunicabilidade chega a impressionar, obrigando-o a debruçar-se e a raciocinar sobre coisas ignoradas... Assim, o Cinema torna-se uma necessidade humana que vem acentuando cada vez mais, porque difunde tudo quanto o espírito do homem pode abranger, mantendo-o sempre atento à Poesia e à Realidade simultaneamente.

Charles Chaplin, o genial «Charlot», serviu-se do Cinema para, através da sua comichade, do seu aparente grotesco, induzir, nos povos preciosas lições de Humanidade, fazendo rir por entre lágrimas, testemunhando a verdadeira existência do Cinema e a sua grande utilidade. Porém, antes da última guerra, o Cinema era já atrozmente explorado como qualquer mercadoria; a América desenvolvia-o como uma indústria fabulosa. E dizendo «desenvolver» referimo-nos à quantidade e nada mais. A lição de Chaplin foi então esquecida pelo cinema americano, cujos fins comerciais gangrenaram até os homens capazes do verdadeiro Cinema, que não hesitaram em desenrolar aquela série já tão estafada de insípidas histórias amorosas, o dramalhão e o heroísmo falso até à raiz, o deturpado cow-boy e o «gangster» como entretenimento de criança!...

Quanta barbaridade, Deus meu!...

O novo Cinema surgiu no pós-guerra como um grito de incontida ansiedade! Mas isso aconteceu na velha Europa, quando a Itália trouxe à varanda da Sétima Arte a sua emocionante face neo-realista que, embora não rapidamente compreendida, soube fazer sentir ao espectador a Verdade e a verdadeira existência do Cinema, como Chaplin o tentara já demonstrar.

(Continua na página 5)

Recordações de uma viagem a Goa

Pelo DR. ALMEIDA BRAGUEZ

V

○ caso de Goa

AO lermos dia a dia as notícias dos jornais ou ao ouvirmos as notícias das emissoras da banda de lá, pasmamos com as ideias contraditórias nelas expressas.

Nherú pode considerar-se um homem fértil em ideias abstrusas.

Analise as fases do «Caso de Goa»:

A ideia do Senhor Nherú sobre Goa não deve ser coisa recente. Deve ser ideia já encascada dentro da sua ambição desenfreada ao assumir a chefia dos destinos da Índia e, como Goa era uma das parcelas mais pequenas, mas não menos apetecida, reservou-a como prato final do seu festim. Seria como terminar um lauto banquete com um vinho capitoso.

Esqueceu porém de que não é com discursos bombásticos nem com afirmações capciosas que se desmorona um passado glorioso como o nosso, nem um presente de verdadeira realidade perante o mundo. Para ele todos os processos são bons.

Começa em primeiro lugar por um bloqueio económico e comercial, mas mais uma vez esqueceu que se vencemos na Índia em tempo das caravelas, com mais facilidade agora podemos neutralizar esse bloqueio com a nossa frota mercante e o apoio dos países para quem a dignidade internacional ainda está acima da cobiça.

(Continua na página 4)

Um problema alarmante

ARNALDO DE AZEVEDO PINTO

CHEGA a afligir, por maior indiferença que a gente procure aparentar, a série de complicações, tanto no campo espiritual, como nos domínios científicos, que amarguram o Mundo. Para cúmulo, os criminosos detentores da Rússia — seria falso acreditar, que o «Comunismo» interesse a todos os Russos — atacam a fogueira do caso de Berlim, isto é, podem motivar nova guerra! Enquanto o Dalai Lama conseguiu fugir de Lhasa, a capital, que os canhões pesados chineses reduzem a cinzas, e a legião de jornalistas persegue a Princesa Soraia, os sábios preocupam-se com a cintura de radiações.

O Progresso, ultrapassando certos limites, roçando quase pelo Impossível, apresenta perigos incalculáveis. Em 24 de Abril de 1957, simultaneamente, Pio XII, Frederico Joliot Curie, o Dr. Alberto Schweitzer, e 18 sábios, reunidos em Gotingue, denunciaram os perigos para a raça humana, das explosões experimentais das bombas atómicas. No mesmo ano, em 26 de Junho, numa conferência de imprensa, o presidente Eisenhower declarou, que os americanos estudam uma bomba H, que não provoca poeiras atómicas. A 16 de Agosto de 1945, o sol da morte, destruiu Hiroshima.

Decorridos, apenas, três dias, Nagask sofria o mesmo castigo. Despontava a idade atómica, os Japoneses, flagelados pelo inesperado meio de combate, que ultrapassava tudo quanto se poderia admitir, pediram a rendição. Recordemos as fases primitivas, cadeia assombrosa, que acabou por colocar, nas mãos dos homens, para a prosperidade, ou para o aniquilamento, força tão considerável.

Primeiro, a descoberta da radioactividade, por Henrique Becquerel (1 de Março de 1896); a do rádio, por Maria Curie, que, em 1910, obteve este metal, em estado puro. Em 1934, Irene e Frederico Joliot Curie, descobriram a radioactividade artificial. Seguiu-se a reacção em cadeia, os reactores nucleares, as pilhas atómicas... Sem entrarmos em pormenores técnicos, para os quais estamos muito mal preparados, apontemos algumas indicações práticas, dignas de reflexões sérias. A bomba que devastou o Japão, liberta uma energia equivalente à de 20.000 toneladas de trinitrotolueno.

Sendo assim, 60 bombas atómicas, do tipo de 1945, teriam desempenhado o mesmo papel, que as 1.200.000 toneladas de bombas, lançadas sobre a Alemanha, durante seis anos da segunda guerra mundial. Convém lembrar que os seus tremendos efeitos, reduzem-se a três espécies: incendiários, mecânicos, biológicos. Traduzo, da publicação que me serve de guia, o que afirma, a respeito dos últimos:

«Atingem os organismos pelos raios nocivos, emitidos no instante da explosão, ou nas horas e dias seguintes. As substâncias radioactivas espalham-se na atmosfera, dispersam-se sobre o solo ou contaminam rios e mares.

As lesões podem manifestar-se por tumores cancerosos, cataratas, perturbações na dentição das crianças, alterações do sangue (leucemias), esterilidade, anomalias de caracteres genéticos...» Ora, felizmente, atenuando esta série flageladora,

(Continua na página 5)

CARTAS DE LISBOA

Meu muito querido Amigo e Comrade:

Estou deseioso de ver o seu trabalho provocado pela acção benemérita do Paulo Felisberto.

O homem devia ter um coração de pedra: as grandes fortunas não crescem com sentimentalismos.

Antes de morrer teve a consciência, pelo menos então, de que no outro mundo os fundos materiais, o livro de cheques e a carteira recheada não servem para nada. A entrar só nú.

Parece-me que o Paulo Felisberto tem de testemunhar a Barcelos — a nós, e aos netos dos nossos netos — algo muito mais do que seus traços físicos: a sua estrutura moral.

Não sei nem é da minha conta como vai, como está a resolver, esse problema, que só a si compete resolver.

O Henrique Moreira simbolizou o Bombeiro negando o símbolo; e fez uma anedota. Ninguém espere de si, tão capaz de ser pai, ser capaz de ser pai de um corpo mais velho que o seu: o artista inventa, cria, mas não cria aberrações da natureza, e fazer um Paulo Felisberto à sua imagem e semelhança seria uma aberração.

E os artistas não fazem aberrações.

Se é uma cabeça o símbolo, esta não pode simbolizar um estudo anatómico com os seus músculos e local onde se inserem, com os seus ossos e nervos e velas que os atravessam em locais próprios. São planos e volumes e nada mais.

Jogue com eles, abra-lhes espaços, construa, vire-o de dentro para fora, lembrando-se que um homem é mais aquilo que isto.

Ser parecido apavora-me. Com quem e com quem?

Aos 20, aos 30, aos 60, aos 70?

Não permita que o Paulo Felisberto envelheça, que parar no tempo é uma forma de envelhecer: o Joaquim Araújo, o D. António Barroso, o José Novais e o Bombeiro já envelheceram, e eram do nosso tempo.

O Desterrado e o Conde de Ferreira, o retrado da Inglesa e o D. José, o Gonçalves Zarco e o Garrett, o Bartolomeu Dias e o Sanches ainda não envelheceram, e o não terem envelhecido é prova de uma intemporalidade que só existe, e só se realiza, quando testemunha e se integra no seu próprio tempo.

Não fazer isto, não procurar fazer isto, é espalhar pelas praças, e ruas, e largos, monstros, homens de corpo inteiro ou decapitados, cabeças sem corpos; o que é o mesmo, e por aí não faltam, corpos sem cabeça.

Estou deseioso de ver o seu trabalho.

Pense-o, e especialmente sinta-o profundamente: então, profundamente sentido volte as costas à realidade.

A realidade é irmã do artesanato e inimiga da arte.

Onde existe esta não cabe aquela: realidade, realidade só é própria do artista.

Fazer uma escultura não é fazer um filho: não creia nos que são só capazes de fazer filhos, acto muito heróico que também é dos irracionais.

Quando penso nisto tudo e em que me deu um afilhado...

Abraços a ambos do padrinho e comadre

Joaquim Paes

CRIOU-SE UM CINE-CLUBE EM VILA DO CONDE

O Clube Fluvial Vilacondense fundou recentemente uma Secção Cultural de Cinema, empreendimento muito louvável que já levantou uma onda de largo entusiasmo entre a juventude local.

Mercê da simpática Empresa do Cine-Teatro Neiva, que logo acolheu gentilmente a construtiva iniciativa do citado Clube, exhibir-se-á, a partir de Março, uma sessão de cinema cultural em cada mês.

A estreia do Cine-Clube realizou-se no dia 11 de Março, às 22 horas, com o famoso filme francês «As Férias do Senhor Hulot», dirigido e interpretado pelo excepcional cineasta Jacques Tati.

Para José Coutinhas, António Carlos de Sousa Pereira e António Saraiva Dias, fundadores e directores da Secção Cultural de Cinema do C. F. V., vão os nossos cumprimentos e os desejos dum êxito sempre crescente.